APELOS TEÓRICOS:

Estratégias Discursivas entre Ankersmit e Perez Zagorin

Erick da Silva Bernardes[1]

RESUMO: Este trabalho faz uma abordagem sucinta acerca das técnicas argumentativas do texto de viés historiográfico entre F. R. Ankersmit e Perez Zagorin. Serão evidenciadas comparativamente seus diferentes mecanismos de produção textual, acerca das divergências de posicionamentos teóricos, desses dois escritores na revista **Topoi** (2001), com relação ao que se convencionou chamar de pós-modernismo.
Palavras-chave: Análise do discurso; Historiografia e pós-modernismo; F. R. Ankersmit e Perez Zagorin; Teoria da enunciação.

> *Omitirei acontecimentos essenciais ou mencioná-los-ei de relance, como se os enxergasse pelos vidros pequenos de um binóculo; ampliarei insignificâncias, repeti-las-ei até cansar, se isto me parecer conveniente.*
>
> (Graciliano Ramos. **Memórias do cárcere**).

1. Introdução

Já se tornou lugar comum dizer que o mundo vem sofrendo constantes mudanças na engrenagem da ordem cultural e econômica da pós-modernidade. Entretanto, a reprodução deste discurso não condiz com a prática didática da historiografia contemporânea. Alguns estudiosos não mudaram seus pensamentos tradicionais, pensam como se vivêssemos um século atrás. Partindo deste princípio, F. R. Ankersmit defenderá uma tomada nova de consciência prática (pós-modernista), e não utópica, na produção de textos no campo da historiografia. Para ele, a ênfase na forma narrativa do discurso histórico deve sobrepor-se ao objeto narrado. Nessa sua concepção estética, o pesquisador pós-moderno deve privilegiar os efeitos produzidos pelo objeto de pesquisa historiográfica, legando para segundo plano a causa ou objeto propriamente dito.

Na contramão da ideia de predomínio da linguagem defendida por Ankersmit estará Perez Zagorin. Este último recusa o esteticismo historiográfico como pilar da História enquanto disciplina, e responde rechaçando as ideias que prezam majoritariamente a maneira de se "contar" do que o objeto a ser "contado".

Enfim, é este debate intelectual entre Ankersmit e Zagorin que nos interessa: efeito *versus* causa na historiografia contemporânea. Suas propostas, argumentos e contestações, veiculados na revista **Topoi** (2001), serão aqui neste trabalho esmiuçados.

Nosso intuito é experimentar o próprio caminho de Ankersmit na análise das suas posições ideológicas, isto é, trazer à prumo não "o quê", mas "como" os articuladores supracitados defendem seus interesses acadêmicos; suas estratégias de produção textual e convencimento do leitor. Para isso, faremos a nossa abordagem em três momentos distintos, pontuando e explicitando as divergências de opiniões, bem como seus artifícios retóricos evocados pelos artigos "Historiografia e pós-modernismo" (ANKERSMIT, 2001) e "Historiografia e pós-modernismo: reconsiderações" (ZAGORIN, 2001).

Inicialmente, seguiremos a sugestão de Ankersmit, ou seja, partiremos do efeito para chegarmos à causa das discordâncias entre este e Zagorin. Contrariando a obviedade lógica de todo debate, que co-

1 Erick Bernardes é discente do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN), da FFP-UERJ. E também é aluno do curso de Especialização em Estudos Literários da mesma instituição.

meça com a posição do primeiro enunciador, invertemos aqui a linha retórica, ou seja, expomos primeiramente o efeito produzido em Perez Zagorin, pelo pensamento didático provocador de viés pós-modernista de Ankersmit. Alargando nossa percepção teórica, evidenciaremos suas respostas, recusas e explanações, para só então voltarmos à causa deste embate intelectual, isto é, seu ponto de partida, a saber, o convencimento "superimportante" da natureza estética dos estudos historiográficos explicitado por F. R. Ankersmit.

Na sequência, nosso alvo serão as estratégias retóricas dos respectivos articulistas, suas maneiras discursivas de defender suas posições em detrimento do convencimento do leitor, através do paralelismos de ideias por parte de Ankersmit, bem como pela aplicação exagerada de figuras de linguagens (metáforas, hipérboles, alegorias) que beiram às generalizações típicas dos discursos de escárnio políticos.

Por último, tentaremos extrair o que de aplicável à realidade, nós, futuros profissionais educadores, podemos apreender dessa discussão, em detrimento de um relativismo moderado (COMPAGNON, 2010), visando uma adequação dos novos saberes, interativamente, na configuração dos textos de embasamento histórico. O que realmente prático é possível enxergar em tão acalorada discussão? Que efeito na realidade do ensino de História do panorama educacional contemporâneo esse debate pode produzir?

2. O Efeito: a resposta

As "reconsiderações" de Perez Zagorin com relação ao artigo "Historiografia e pós-modernismo", escrito por F. R. Ankersmit, denotam o efeito mais que esperado para quem leu os dois respectivos textos publicados na revista **Topoi** (2001), devido à provocação inicialmente feita por este último polemista. Para aqueles que desconhecem a discussão intelectual aqui referida, explicamos que a réplica de Zagorin ao texto ousado de Ankersmit inicia-se com a mesma afirmação dos excessos da cultura pós-moderna, que "tornou-se tão pluralista e sujeita às influências de modismos [...]" (ZAGORIN, 2001, p. 137). Contudo, não foi essa a primeira evidência mencionada por Ankersmit no que diz respeito aos exageros das informações? Não foi a crítica à "superabundância" da produção pós-moderna o pilar do texto de Ankersmit? O que vemos então é um discurso apaixonado por parte do senhor Zagorin, tendo como efeito a aplicação de um recurso de resposta que começa invertendo o caráter do debate, constituindo-se em um artifício típico da cosmovisão carnavalesca. Em outras palavras, é quando inverte-se o sentido das coisas que o bobo transforma-se em Rei Momo e o Rei de fato (real) verte-se em plebeu. Segundo Mikhail Bakhtin (2009), faz parte do discurso satírico de viés sério-cômico a inversão dos sentidos – uma estratégia de retórica esquecida hoje em dia. Nesse viés, ao considerarmos o que se sabe acerca dos "modismos", "influências" e "pluralismos" criticados por Zagorin, torna-se evidente, para nós acadêmicos, que estas foram características do modernismo, e não do pós-modernismo; aquela primeira modernidade, chamada por Zygmunt Bauman (2001, p. 10) de "modernidade sólida", de "solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável", na qual tudo era palpável, consumível e ditado pela moda. Ou seja, a resposta de Zagorin inicia-se por uma incongruência, de quem parece ter caído na (pro)vocação, invertendo os sentidos das ideias de modernidade e pós-modernidade com vistas ao convencimento do leitor.

Outros recursos retóricos de Zagorin são: o exagero à atribuição de falas não utilizadas por Ankesmit (também chamada de falácia intencional), a metáfora, a alegoria, dentre outros artifícios discursivos. Ademais, argumentos de carácteres hiperbólicos "carnavalizados" também permeiam sua composição textual. Desse modo, ao atribuir generalizações ao texto do seu opositor, impingindo-lhe ideias de representações "míticas e fictícias do passado" (ZAGORIN, 2001, p. 150), ou o rótulo de anunciador "revolucionário", o messias da nova "onda do futuro" (ZAGORIN, 2001, p. 137), Zagorin preenche a sua malha textual com linhas retóricas adjetivais cujo efeito (ao leitor desavisado) tende a causar impressão caricata. Isto explica-se por dois motivos: a) o exagero, pois Zagorin enfatiza uma tendência "ilógica espetacular" e aspectos de "superficialidade" no artigo de Ankersmit; b) a aplicação de palavras como "câncer", "repúdio", "dogmatismo", que ele generaliza, assumindo (inconsequentemente) a voz da "maioria", pois tem "certeza de que a

maior parte dos historiadores concordaria com esta opinião" (ZAGORIN, 2001, p. 142). Enfim, esses são mecanismos que conduzem o raciocínio do leitor desavisado à mudança de sentidos que beira a cosmovisão carnavalesca. Contudo, somemos a isso a alusão diminutiva por meio de palavras depreciativas, quando, por exemplo, ao acusar Ankersmit de formular "um novo antiquarismo", ele relaciona este pensamento "à obscuridade" (ZAGORIN, 2001, p. 142), referindo-se a ele como portador da "concepção trivializada, cansada, derrotista da pesquisa histórica" (ZAGORIN, 2001, p. 149).

De forma exacerbada (porque apaixonada), a aproximação irônica da pretensa ridicularização promovida por Perez Zagorin ricocheteia em nomes como Michel Foucault e seus "discípulos", apontando – sem aprofundamento – a mesma tendência ridicularizadora que pretende arquitetar ao referir-se às ideias de F. R. Ankersmit. Sendo assim, tensionada a comparação por sua vez com a pequenez dos fatos, a estratégia de Zagorin visa produzir a sensação de absurdo, dissolução dos sentidos e de valores dos estudos historiográficos pós-modernistas, defendidos em "Historiografia e pós-modernismo" (ANKERSMIT, 2001) para a vida presente, acusando seu posicionamento desconstrutor de resvalar em doutrinação moral.

3. A causa: o olhar diferente

O texto de F. R. Ankersmit, "Historiografia e pós-modernismo" (2001), é claramente um artigo provocador. Sua estratégia de exposição das ideias é chamar o "outro" à fala, de sorte que, nesse caso, a alteridade recaiu-se sobre Perez Zagorin. Para Ankersmit, a historiografia está saturada de informações; segundo ele, nos encontrarmos às voltas com "uma quantidade superabundante de artigos e livros (que) é produzida anualmente, tornando conhecê-los todos tarefa impossível" (ANKERSMIT, 2001, p. 115). Contudo, no intuito de delimitar seus posicionamentos "desconstrutores", Ankersmit faz uso pertinente do recurso conhecido na retórica como "método das passagens paralelas", ou simplesmente paralelismos. Segundo Ingedore Koch (2014, p. 165), paralelismos são recursos "de alto poder argumentativo de que se vale o autor ao longo de sua produção". Essa técnica "consiste na repetição sucessiva da mesma estrutura" (KOCH, 2014, p. 164), e, assim, Ankersmit o faz ao expor seu ponto de vista acerca da historiografia contemporânea, enuncia que "o texto em si não tem mais autoridade em uma interpretação" (ANKERSMIT, 2001, p. 114). Porém, a maneira como seu pressuposto é elaborado baseia-se na lógica aristotélica também conhecida como Lógica Menor ou silogismo, mas esse tipo de desdobramento argumentativo só tem legitimação quando constituído por premissas sustentadas sobre arcabouços conceituais reconhecidos de fato.

Em boa síntese, Otton Garcia discorrerá:

> Das três *proposições* que constituem o *silogismo*, as duas primeiras chamam-se *premissas*, e a última, *conclusão*. A primeira premissa diz-se *maior*, a segunda, *menor*. Mas entre ambas deve haver uma ideia (ou termo) comum [...] Além disso, a premissa maior deve ser universal: *todo* ou *nenhum*. Não pode ser *alguns*, pois sua característica é a *universalidade* (GARCIA, 2010, p. 312).

Nesse sentido, segundo a lógica, todo homem querendo ou não é "sujeito histórico" do seu tempo (premissa maior). Ora, todo homem está imerso em seu tempo e por isso também é "objeto da história" (premissa menor). Conclui-se que: se todo homem é sujeito histórico e também objeto da historiografia, obviamente o homem não sairá da história a qual narrará. Isto quer dizer que Ankersmit errou na sua argumentação, ou melhor criou um antilogismo (ou silogismo) baseado em um sofisma:

> Não pretendo aqui determinar o lugar da historiografia desta forma. Irei, ao invés disso, afastar-me ainda mais para certificar-me se a superprodução historiográfica tem sua contrapartida em uma parte considerável da sociedade e civilização atuais [...] a informação poderia ser considerada atuante quanto não atuante. (ANKERSMIT, 2001, p. 116-117).

Ele não poderia "afastar-se" da historiografia para falar de história; este autor precisaria estar

dentro, mergulhado, embebido. Ankersmit cometeu um erro de encadeamento lógico ou, o que é bem mais provável, foi irônico na sua justificativa. Porque, segundo a lógica acima mencionada, não há como "excursa-se" do discurso histórico, a não ser que o enunciador queira falar de ficção, daí a recusa aos seus argumentos por parte de Perez Zagorin, porque, para este, a História embasa seu princípio científico na realidade percebida, no real apreendido. O problema é que trata-se do campo historiográfico o que se discute, e não a narrativa estética de enredo ficcional, não há como embasar seus argumentos movendo-os para o campo literário, conforme Roland Barthes postula (2007, p. 21), "O real não pode ser representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história [...]". Caso contrário, cairíamos na estética literária, a historiografia pela perspectiva pós-modernista deixaria de ser ciência. Fugindo do objeto historiográfico, abandonaríamos os fatos a serem narrados em detrimento da forma narrativa. Enfim, é justamente essa ironia falaciosa a causa da irritação de Zagorin e motivo maior para o impasse veiculado na revista **Topoi** (2001).

Sendo assim, as estratégias de Ankersmit proporcionam ao leitor uma espécie de malha textual cujo enlace discursivo pretenderia envolvê-lo de modo muito bem estruturado retoricamente. Sabemos que o texto pode ter múltiplos sentidos para quem o lê, mas se o escritor o domina de fato é possível direcionar o olhar do leitor "quando uma passagem de um texto apresenta problema por sua dificuldade, sua obscuridade ou sua ambiguidade" (COMPAGNON, 2014, p. 67). Portanto, o cerne da retórica de F. R. Ankersmit é o paralelismo de ideias, visando no texto "dizer uma coisa para fazer compreender outra" de maneiras diferentes (COMPAGNON, 2014, p. 67).

4. Uma possível concordância?

A acusação por parte de Perez Zagorin de haver atualmente um excesso de produções historiográficas tem, de certo modo, um fundo de razão. Contudo, toda essa superprodução narrativa da história é resultado do que Marc Augé (1994) referirá por "aceleração histórica", ou índice de supermodernização. Para Augé, o fenômeno da supermodernidade deve-se à nossa dinâmica de "percepção do tempo, mas também ao uso que fazemos dele, à maneira como dispomos dele" (p. 27). Conforme:

> Para alguns intelectuais, o tempo não é mais, hoje, um princípio de inteligibilidade. A ideia de progresso, que implicava que o depois pudesse ser explicado em função do antes, encalhou, de certo modo, nos recifes do século XX, ao sair das esperanças ou das ilusões que acompanharam a travessia do mar aberto no século XIX. Esse questionamento, a bem dizer, refere-se a várias ocorrências distintas entre si: atrocidades das guerras mundiais, dos totalitarismos e das políticas de genocídio, que não atestam – e isso é o mínimo que se pode dizer – um progresso moral da humanidade; o fim das grandes narrativas dos grandes sistemas de interpretação que pretendiam dar conta da evolução de conjunto da humanidade, e que não o conseguiram, assim como se extraviavam ou se apagavam os sistemas políticos que se inspiraram oficialmente em alguns deles; no total, ou além, uma dúvida sobre a história como portadora de sentido, dúvida renovada, poder-se ia dizer, pois ela lembra estranhamente aquela na qual Paul Hazard pensava poder descobrir, na junção dos séculos XVII e XIII, a mola da polêmica entre Antigos e Modernos e da crise da consciência europeia (AUGÉ, 1994, p. 28).

Portanto, a causa do excedente dos textos de história deve-se à abundância dos fatos, que obrigam uma disposição compatível no que tange às linhas de pesquisa. A desconfiança dos historiadores ditos tradicionalistas (e aqui principalmente Perez Zagorin) de alguma maneira estaria relacionada às metodologias empregadas, mas, acima de tudo, por uma incapacidade de compreender o próprio tempo presente como resultado da enormidade dos acontecimentos, e, por conseguinte, da multiplicação das narrativas historiográficas as quais esses profissionais pretenderiam produzir.

Assim, ressaltamos que de modo algum pretendermos alavancar alguma espécie de ecumenismo generalizante por traçarmos uma abordagem moderadamente relativa acerca dos posicionamentos aparentemente antagônicos entre F. R. Ankersmit e Perez Zagorin na revista **Topoi** (2001). Consideramos e indagamos as divergências de contextos e visões de mundo que nutriram suas vertentes metodológicas acerca do discurso historiográfico. Se o postulado de Zagorin discorre em favor de um documentalismo impermeável, cuja concepção pareceria querer "engessar" os novos rumos da pesquisa histórica, devemos considerar seu tipo de método empregado; mais como uma escolha de certa linha investigativa do que o desconhecimento das novas tendências de intersecção entre os campos do conhecimento.

Por outro lado, Ankersmit direciona o seu olhar para um projeto historiográfico majoritariamente interativo, em que pese uma pluralidade de elementos provenientes de outros saberes os quais dialogam com o mundo contemporâneo, tais como Sociologia, Literatura, e, principalmente, Antropologia. Pois, assim como faria algum antropólogo teórico, F. R. Ankersmit "apela a outros testemunhos e (sobretudo) a outros campos que não os seus [...], por momentos distingue-se do historiador que explora o documento" (AUGÉ, 1994, p. 14).

Ora, sabemos da importância do imbricamento entre os campos do conhecimento, e, de certa forma, a preocupação crescente com as formas e relações provocadas pelos veículos de informação das mais variadas correntes do universo globalizado. Não descartamos a recepção favorável do "aqui e agora" antropológico por parte dos historiadores, tampouco ao aproveitamento da estética e dos componentes ditos literários na produção dos textos de História. No entanto, vale ressaltar que nem o antropólogo nem o ficcionista têm como foco investigativo a pesquisa documental, e ela deverá ser a diretriz do historiador, todavia, em diálogo crescente com as novas maneiras de percebermos e narrarmos os acontecimentos do mundo. Nesse sentido, sinteticamente, José Luis Jobim argumentará:

> A primeira indagação poderia ser exatamente sobre as bases a partir das quais em nossa sociedade circulam pelo menos duas visões sobre o entendimento humano do real. Uma delas parte de pressupostos de alguma forma herdados, sem questioná-los ou avaliá-los formalmente, para verificar sua validade ou não. Outra tem uma atitude mais formal, metódica e crítica em relação tanto a estes pressupostos quanto às análises e avaliações que fará a partir dos pontos de vistas expressos neles. (JOBIM, 2013, p. 13)

Enfim, ao pensarmos a historiografia pós-modernista, pós-moderna, ou contemporânea, compreendemos uma metodologia aos moldes do "relativismo moderado" defendido por Antoine Compagnon (2010), "contra o dogmatismo neoclássico"; porém, cabe ao profissional da escrita (COSCARELLI, 2006, p. 81) "buscar a informação e a fazer a triagem dela. Enfim, nem tudo o que está disponível nos meios eletrônicos (seja na televisão ou na internet) é informação segura"; nem tudo, portanto, é conveniente ou necessário.

5. Considerações finais

Conciliar a ciência histórica e suas respectivas narrativas tem produzido constantes debates intelectuais sobre as narrativas ditas contemporâneas. O caso de F. R. Ankersmit e Perez Zagorin é apenas um exemplo da proporção que o tema pode tomar quando se aborda o conceito de pós-modernidade. Segundo Philippe Joutard (2007, p. 223), isto acontece porque a "memória sabe transformar, consciente ou inconscientemente, em função do presente, apresentando a tendência particular de embelezar este passado".

Se, por um lado, Zagorin "carnavalizou" as ideias de Ankersmit, tal efeito alegórico teve como causa o seu antilogismo falacioso da retórica verossímil do discurso literário proposto por Ankersmit. A carnavalização do primeiro supracitado adotou o "mecanismo" argumentativo, isto é, ao conjunto de elementos com vistas ao exagero e a ridicularização do texto "Historiografia e pós-modernismo" (ANKERSMIT, 2001,

p. 2001). Enquanto a falácia deste último, empenhada no recurso retórico do paralelismo entre as ideias, pretendeu o modo, ou seja, as maneiras de se dizer a mesma coisa de formas diferentes, desviando-se dos fatos que possam ser contestados.

Assim, toda essa discussão parece-nos motivada pela incapacidade humana de transcrever a realidade. Quando compreendemos que a "contemporaneidade nos lega não somente uma variada gama de autores, temáticas e estratégias narrativas, como também revela um panorama em que as antigas certezas e classificações são, no mínimo, insuficientes" (OLIVEIRA, 2011, p. 137), fica-nos claro que o real é complexo demais para ser compreendido; que dirá de ser apreendido e expresso por palavras. Precisamos recorrer ao simbólico, aos códigos convencionais da língua corrente. Captar elementos da "suposta" realidade, codificá-lo para a nova linguagem que é a letra grafada, para posteriormente, enfim, ser lido por alguém interessado no texto historiográfico não é um caminho fácil. É trabalho desgastante e, no meio do caminho, lacunas são criadas, outras são mantidas, para que possam ser preenchidas pela criatividade humana.

Enfim, texto e contexto vivem conjuntamente nas brechas da memória histórica pós-moderna; quem sabe passemos um dia a assumir o enxerto do discurso literário ficcional como um componente necessário à historiografia contemporânea? Talvez esteja aí a perspectiva digna, realmente, de contribuir para que a História e a Literatura façam jus ao "carimbo simbólico" das Ciências Humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANKERSMIT, F. R. "Historiografia e pós-modernismo". **Topoi**: Revista de História. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
AUGÉ, Marc. **Não lugares***:* Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.
BARTHES, Roland. **Aula***.* São Paulo: Cultrix, 2007.
BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida***.* Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da teoria***.* Belo Horizonte: UFMG, 2014.
COSCARELLI, Carla Viana, (Org.) **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
JOBIM, Luís José. "Senso comum, conceito e julgamento nos estudos literários". In: SALES, Germana M. de Araújo; FURTADO, Marlí Tereza; DAVID, Sérgio Nazar (Orgs.). In: **Interpretação do texto**: leitura do contexto. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
JOUTARD, Philippe. "Reconciliar História e Memória". **Escritos:** revista da Casa Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa, 2007.
OLIVEIRA, Paulo César Silva de. **Poética da distensão**. Manaus: Edições Muiraquitã, 2010.
KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2014.
ZAGORIN, Perez. "Historiografia e pós-modernismo: Reconsiderações". **Topoi***:* Revista de História. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

THEORETICAL APPEALS: DISCURSIVE STRATEGIES BETWEEN ANKERSMIT AND PEREZ ZAGORIN

ABSTRACT: This work makes a brief approach on the text argumentative techniques of historiographical bias between F. R. Ankersmit and Perez Zagorin. Will be highlighted compared their different mechanisms of textual production, about the differences of theoretical positions, these two Paradigms magazine writers in **Topoi** (2001), with respect to what is called postmodernism.
Keywords: Discourse analysis; Historiography and postmodernism; F. R. Ankersmit; Perez Zagorin; Theory of enunciation.

Recebido em: 24 / 03 / 2016
Aceito para publicação em: 30 / 06 / 2016